

Resenha

Fonologia e variação: diretrizes para o ensino

Miguel Luiz **CONTANI***

*Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) - mcluiz@uel.br

KAILER, Dircel Aparecida; MAGALHÃES, José; HORA, Dermeval da (org.). *Fonologia e variação: diretrizes para o ensino*. Prefácio de Luiza Helena Oliveira da Silva. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

Resenha

Fonologia e variação: diretrizes para o ensino¹

Miguel Luiz Contani

O livro possibilita lançar um novo olhar a respeito do papel do professor de língua portuguesa, com relação ao estudante, na educação básica; vincula à aprendizagem da escrita a um permanente ganho de compreensão sobre fonologia e as variações projetadas, na escrita, pelos registros de fala. Apresentada em 13 capítulos, é uma obra resultante de projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito do Profletras - Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, programa voltado a capacitar docentes pesquisadores –, e a apontar caminhos para manter integrada a visão dos fatores capazes de assegurar uma aprendizagem livre de preconceitos, em particular nos padrões associados a prestígio e exclusão, somados aos aspectos a serem considerados na didatização dos saberes acadêmicos. Por esse motivo, alterna conceitos de linguagem a um conjunto de conhecimentos técnicos imprescindíveis para o professor obter êxito no exercício de sua tarefa pedagógica.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v.27, n.1, p.199-202, abril. 2024

Recebido em: 20/05/2024

Aceito em: 24/03/2024

¹ Revisado por: Pedro Henrique Cremonez Rosa.

Essa forma de ver e considerar o desafio da atividade em sala de aula, torna o conteúdo dessa obra, um movimento contínuo de problematizar e de encontrar soluções e alternativas, para envolver o aluno e promover crescimento e mudança. Nas propostas apresentadas e discutidas pelos autores, há a indicação e o encadeamento de temas, além de recomendação de referências, precedidas de exercícios resolvidos, voltados a instrumentalizar o ensino, a fim de consolidar o emprego fluente do conhecimento adquirido. A principal mensagem é a desmistificação de olhares consagrados e posturas formais quanto à pedagogia do ensino de língua portuguesa, tendo também como dêixis o Português Brasileiro.

A prefaciadora Luiza Helena Oliveira da Silva ressalta a importância do Profletras na trajetória percorrida, ao longo dos dez anos desde sua criação, e avalia o grau de êxito dessa iniciativa, tomada com a motivação de enfrentar desafios como a complexidade do ensinar e do aprender, “as assimetrias regionais de acesso à universidade, os deslocamentos dos docentes para as unidades, muitas vezes atravessando estados ou regiões, a obrigatoriedade de pesquisar a própria prática sem partir de fórmulas elaboradas de antemão” (Kailer; Magalhães; Hora, 2023, p. 9). À demanda de evitar a solução simplista do ensino de palavras isoladas, e à tendência de atribuir, ao professor, um mero papel de execução, o compromisso do Profletras é a difusão de saberes originados de investigação sobre formas de melhorar o fazer docente.

No primeiro capítulo, Dermeval da Hora, oferece um envolvente relato sobre o percurso, as conquistas e as sólidas perspectivas de consolidação do Profletras. Faz referência ao tema Fonologia, Variação e Ensino, como basilar, e desse modo uma das escolhas centrais, como campo de permanente geração de conhecimento; situa em relevo a formação de “mestres que atuam no ensino da língua portuguesa na Educação Básica, principalmente, se pensarmos que muitos dos mestrandos atuam nas séries iniciais”. Ressalta a atenção que deve ser dada ao fato de que o “conhecimento que temos dos cursos de Letras no Brasil, faz-nos ver que nem sempre essa disciplina é ofertada e quando o é, não atende aos interesses do que deveria, realmente, acontecer” (Kailer; Magalhães; Hora, 2023, p. 27).

Outra importante ligação com o resultado dos estudos aqui reunidos, é a instrumentalização da proposta de dar acolhida ao estudante, a fim de integrá-lo, na aquisição de habilidades para lidar com a diversificação de registros, e habituar-se a fazer conversões, para aprender a expressar sonoridades na escrita que está passando a aprender. O conjunto dos capítulos promove contato com uma experiência vivencial, descrita e avaliada, com resultados oriundos de uma problematização, definida com recorte de pesquisa científica. Torna-se evidente o desafio de conscientizar o professor sobre o fato de que o conhecimento da fonética é indissociável e requer estudo particularizado e aprofundado.

É ilusória a noção de que basta, simplesmente, alfabetizar pelos sons de cada letra, sem pensar em nenhuma outra implicação entre ouvir, falar e “converter” toda essa sonoridade em escrita. É inegável que essa consciência sempre existiu, mas cabe ressaltar que, muitas vezes, a ausência de êxito pode estar vinculada a uma compreensão insuficiente do campo fonético. O estudante vem com um registro, por ele solidamente introjetado, e a capacidade de articular sons será refletida, com fidelidade, na escrita. O que algumas vezes lhe será apontado como erro – por exemplo, a troca de um /l/ por /u/, ou /e/ por /i/ –, é uma divergência que tende a ser resolvida pelo esclarecimento; o mesmo se pode afirmar a respeito da composição das sílabas, ou dos chamados apagamentos, como se observa em chamar/chamá; fazer/fazê; ou na tendência a escrever a terceira pessoa de verbos: ele pede/ele pedi (pédi); ele disse/ele disse.

A mensagem reiterada é de que seja reforçada a convicção de jamais desvalorizar esse patrimônio do aluno, e incentivá-lo a simplesmente discernir, para, em seguida, começar a trabalhar a sua aquisição de escrita. Essa condição fará com que ele não sinta menosprezo por si próprio, e valorize a oportunidade de ampliar seu repertório com o acréscimo de um padrão que lhe será cobrado em uma determinada fase de seu crescimento e inserção na vida profissional.

Os temas iniciais são fonética e fonologia, tratamento dos segmentos vocálicos, variação e ensino da sílaba. O enfoque prossegue, versando sobre ditongos e monotongação; agrega-se o apoio ao professor no tratamento das fricativas e correlatos escritos, e a questão dos róticos é trazida em associação com o ensino do português brasileiro. Dificuldades da escrita na consoante lateral somam-se ao apuro no tratamento da nasalização, da acentuação, temas complementados pelas grafias não convencionais, e o uso do hífen.

Os enfoques se tornam convergentes e estimulam um perfil de pesquisar para ensinar. Tratamento especial é dado em relação ao apontamento do erro e da correção: o que é considerado incorreto para um registro, é perfeitamente correto para outro; não se trata, portanto, de anular registros, mas de assegurar uma nova aquisição. Para concretizar esse ganho, o docente necessita, ele próprio, passar por um exercício técnico, com exemplificação das várias tentativas e ajustes, e, ao mesmo tempo, contar com apoio das referências existentes. Nesse sentido, a leitura de cada capítulo é também motivação para que busque supervisão de suas ações, com o importante efeito sendo, sem dúvida, o querer e o saber encontrar a melhor forma de levar o aluno a um modo de agir ao qual ele não está, por enquanto, suficientemente habituado.

A noção de incorreto é alterada pela atitude de indicar mais possibilidades de incorporar o uso considerado correto, o que não é obtido na primeira tentativa. Erros apontados com um mero risco na folha de escrita, agregam bem menos, se houver ausência de uma estimulação cativante para o estudo da língua. O que acaba ocorrendo é o inverso: a frustração de estar diante de algo inalcançável, sempre acompanhado de uma sensação de incapacidade, esta uma comprovada causa de desistência e fracasso escolar; agrega-se a desvantajosa avaliação de que não houve suficiente empenho, um desinteresse normalmente apontado como algo típico da idade, ou do descompromisso com a escola.

O fascinante campo da fonética associada à escrita está contextualizado no segundo e terceiro capítulos, com soluções apontadas para as possíveis dificuldades que os alunos possam encontrar, nas aulas de língua portuguesa, quanto aos “desvios” ortográficos da norma-padrão. A análise explica, avalia alternativas, e aponta leituras. As práticas de ensino são focalizadas com destaque para os processos mais recorrentes. São aqui também dimensionados os avanços balizados pelas pesquisas do Profletras para o ensino de língua portuguesa.

A questão fonológica no sistema vocálico do português brasileiro é tratada no capítulo 4, com advertência para os prejuízos a longo prazo de um trabalho pedagógico meramente intuitivo, sem apropriação de conhecimentos da estrutura fônica da língua. O ditongo é destacado no capítulo 5, com particular ênfase na perspectiva sincrônica com projeção no uso oral e escrito. O processo fonológico é retomado para explicar a monotongação, tema tratado no capítulo 6 e enfatizado como um processo muito frequente no português brasileiro. Destaque também é colocado na intenção de estimular os alunos a lidarem com os efeitos da interferência da fala na escrita; para essa finalidade, trata-se, minuciosamente, a variação dos ditongos entre a fala e a escrita.

As variações encontradas nos diferentes dialetos são presentes no capítulo 7, com destaque nas fricativas e sua importância na construção da consciência linguística para o apoio à escrita. Uma recomendação presente é no sentido de o professor assumir a permanente tarefa de perceber e compreender as variações constitutivas dos diferentes dialetos.

O termo rótico é definido com relação a fonemas e alguns alofones das variedades do português brasileiro. Essa discussão vem acompanhada de exemplificações, no capítulo 8, com uma curiosa ênfase na correlação entre ensinar e aprender, tomando os devidos cuidados com estima e prestígio de determinadas variantes, com a observação de considerar o grau de formalidade do contexto, o gênero discursivo e o interlocutor.

O tratamento da sílaba é tema do capítulo 9, com destaque para as variações impostas pela fala, como ocorre com relação à escrita da lateral <l> devido à vocalização, à retroflexão ou ao apagamento desse segmento, sendo a coda silábica um entendimento fundamental. As flutuações fonéticas da nasalização, que se refletem na escrita, são tratadas no capítulo 10, com uma detalhada,

profunda, e enriquecedora discussão sobre os desafios do registro escrito. A coda silábica é aqui também elemento central; conhecer as formas de sua manifestação permite expandir alternativas de ensino. A sempre interessante abordagem da estrutura silábica aparece no capítulo 11, com destaque para formas divergentes e a escala de complexidade. Uma observação apresentada é quanto ao componente sonoro como presença na gramática de uma língua natural, juntando-se aos elementos morfológico, sintático e semântico.

As correlações entre fala e escrita, no uso dos diacríticos no português brasileiro, é destacada no capítulo 12, versando sobre acentuação, com ênfase na capacidade de demarcar as diferenças. Sugestão é dada para que o aluno reflita sobre o sistema linguístico que utiliza, quando transposto para a escrita a partir da fala. Na reflexão do capítulo 13, intitulado “Tudo junto ou separado? grafias não convencionais de palavras”, palavras fonológicas e palavras morfológicas são vistas em termos de sua não coincidência, para avaliação das fronteiras entre a palavra e seu registro escrito.

A leitura do livro, na totalidade dos temas nele abrangidos e detalhados, fornece sólidos elementos para pensar o cotidiano dos registros. Várias comparações são possíveis: a tendência de pronunciar família como “famia” e trabalho como “trabaio” é um processo que tem toda uma explicação (técnica) em termos fonológicos. Na língua francesa, o /e/ tem várias pronúncias, mas, em cada uma, a escrita é distinta, com a particularidade de ser uma solução fonética e não de tonicidade. Grafias como /e/, /è/, /é/ e respectivas equivalências sonoras, de abertos e fechados, são também formas de grafia. Na língua portuguesa, o estudante só dispõe das cinco vogais para expressar as sonoridades vocálicas que aprendeu a fazer. A convicção de que o “errado” em um sistema é “perfeitamente correto” em outro, deve ser permanente; fonética e variação são conhecimentos indispensáveis.

O professor passará a exercer um papel ativo no momento em que trazer para o perfil de seu trabalho, a visão de que o ensino que promove é o conhecimento da língua em sua sonorização. Na realidade, o que vem à tona é a complexidade no processo de escrita e de produção textual, quando, no idioma português, em suas várias formas de expressão, os sons se modificam, podendo ser abertos ou fechados, mas grafados com a mesma letra. A atividade de ensino se torna, nesse caso, uma atividade vivencial, não unicamente de transmissão. Aqui reside a contribuição do Profletras, para com as práticas pedagógicas, construtoras, por seu turno, do protagonismo docente nos processos voltados especificamente à educação básica.